Na Indústria Extractiva

Inclusão da mulher é imprescindível

Por ***Palmira Velasco***

Defendamos o psíquico da mulher e não a fisionomia. Olhar para a mulher como um ser humano fraco, está errado. Ela é capaz sim, de ombrear com o homem, desde que lhe seja dada oportunidade de demonstrá-lo. Defende Manuel Mfulutoma, da Associação Juvenil para o Desenvolvimento Comunitário de Angola (AJUDECA), que há 23 anos trabalha na defesa dos direitos humanos nas zonas de exploração mineira, tendo como grupo-alvo mulheres, raparigas e crianças**.**

Esta defesa à mulher foi co-substanciada por alguns participantes de um curso de capacitação sobre *Comunidade Saúde e Ambiente*, no contexto do Programa de Desenvolvimento Mineiro, oferecido pela União Europeia em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), realizado, recentemente, na Cidade de Maputo.

A capacitação contou com 44 participantes, (15 mulheres e 29 homens) provenientes de 10 países, nomeadamente Angola, Botswana, Lesotho, Malawi, Moçambique, Namíbia, Ruanda, Sudão, Suazilândia e Zimbabwe. De salientar que dos 10 países, cinco delegações eram compostas apenas por homens.

Embora o desequilíbrio de Género se tenha notado entre os de participantes, notou-se, contudo, algum equilíbrio no debate do tema sobre *Género, Relações Comunitárias, Diálogo e Direitos*, já que quase todos defendiam o enquadramento da mulher na indústria extractiva, a todos os níveis, na pequena, média e larga escala.

Mulheres na mineração artesanal

Houve porém homens defendendo que as mulheres, na indústria extractiva, não têm capacidade de seguir e progredir na carreira porque quando estão perante trabalho declinam e justificam que é muito pesado para elas. Segundo alguns participantes, as mulheres escolhem o tipo de trabalho que querem executar.

Apesar de o debate referir-se à indústria extractiva nas três dimensões, larga, média e pequena escala, foi a mineração artesanal que mais se destacou ao longo de conversas de corredor e de café.

É sobejamente sabido que existem em África tem muitos países ricos em recursos minerais, contando, ao mesmo tempo, entre aqueles com maiores índices de pobreza do mundo. A riqueza tornou-se a maior causa de desestabilização, desde os conflitos de terras às guerras civis que provocam milhares de mortes, devastam economias e sobretudo causam muita pobreza às comunidades com graves consequências para as mulheres, raparigas e crianças.

Segundo Manuel Mfulutoma, o empoderamento da mulher tem quatro (4) fases, que começam com a sua alfabetização; seguindo-se a promoção do negócio de sobrevivência, o programa de desenvolvimento académico e, finalmente, a sua introdução no sistema de tomada de decisões. Estas quatro fases, segundo Mfulutoma, são imprescindíveis para que as mulheres tenham poder de tomada de decisão desde a base até ao topo.

Muito antes de Angola falar massivamente sobre a perspectiva de Género, a AJUDECA já trabalhava no empoderamento da mulher de tal modo que muitas das que passaram pela sua organização já estão em lugares de tomada de decisão a nível nacional, destacou Mfulutoma, acrescentando que a sua organização usa as técnicas educativas do pedagogo brasileiro Paulo Freire.

Onde a mulher trabalha a criança também está presente

“Capacitamos para a promoção das associações de mulheres para mulheres. Isto é, funcionámos como um centro de formação de mulheres formadoras que fazem a réplica nas respectivas comunidades .AJUDECA estima ter capacitado 934 mil mulheres de 17 províncias de Angola.

Porquê trabalhar com mulheres?

É paixão pessoal de Manuel Mfulutoma trabalhar na promoção da mulher porque a sua tese de defesa de mestrado intitulou-se O Percurso da Mulher - do Ventre ao Órgão Decisório. Denota-se no seu semblante e nas suas palavras a seriedade com que toma os assuntos de Género, principalmente a defesa dos direitos da mulher.

Esta defesa aos direitos da mulher tem uma causa. Manuel Mfulutoma é natural de Uíge, norte de Angola, província fronteiriça com a República Democrática do Congo. É filho de um militar e a sua mãe engravidou aos 13 anos. Sendo menor de idade, não tinha nem recursos nem maturidade para tomar conta do filho, e assim Mafutoma cresceu sob os cuidados da avó. Tendo crescido praticamente com a mãe, tratava-a por “mana”, na extrema pobreza em que a família vivia. Apenas aos 18 anos é que explicaram Manuel que aquela que ele chamava de “mana” era a sua verdadeira mãe, sendo avó a mulher que ele tratava por "mãe", e bisavó a que ele tratava por "avó." Durante a sua vivência com as três "mulheres da sua vida" (conforme ele as chama), ele não notava qualquer diferença em termos de relações sociais de trabalho.

Manuel foi cumprir o Serviço Militar Obrigatório em 1989 onde, segundo conta, tinha muita disciplina militar. Quando fosse a lugares onde encontrasse mulheres ou raparigas a sofrerem ele perdia toda a vontade de continuar a marcha porque revivia todo o seu passado.

Numa das vezes que os militares passaram por uma comunidade devastada pela guerra e ele viu mulheres idosas no sofrimento, Manuel teve que explicar a sua infância aos comandantes que compreenderam a sua posição de sofrimento emocional.

Quando saiu do serviço militar obrigatório entregou-se à igreja como refúgio para minimizar as suas mágoas e emoções. Diz que foi aí onde ele descobriu que a maioria das mulheres que sofreram as consequências da guerra tinham muita vontade de aprender e de trabalhar, mas não tinham condições. Pelo contrário, diz ele, os homens tinham condições, mas não tinham vontade de fazer seja o que fosse.

 Foi daí que ganhei paixão pelos assuntos de Género , conta Manuel Mfulutoma, que já tem dois livros escritos .O Percurso da Mulher – do Ventre ao Órgão Decisório e Experiência dos 28 Ataques de Guerra. Os dois livros estão em edição no Brasil. Entretanto já está na forja o terceiro livro sobre o Movimento da Sociedade Civil Angolana.

Embora não tenha sido particularmente feliz no seu primeiro casamento, pois, segundo ele, a esposa o abandonou quando ficou desempregado, Manuel Mfulutoma não mudou de ideais. Continua firme na defesa da causa e dos direitos das mulheres.

Manuel Mfulutoma, defensor dos direitos das mulheres